

ADMIRÁVEIS PROFESSORES: VOZES QUE VEM DOS ESTUDANTES

José Ribeiro Leite ¹
Milena Carpi Colombo ²
Mônica Regina Vieira Leite ³

“A escuridão, de fato, é tão doloroso para a mente como para vista, mas obter luz da escuridão, por mais esforço que acarrete, será sem dúvida motivo de júbilo e deleite” (HUME, 2004, p.26).

84

RESUMO

Professores bons, excelentes, marcantes, admiráveis, inesquecíveis. Quantos adjetivos para um substantivo comum! Isto, até que seja incorporado, entranhado, que ganhe vida em um corpo, em uma mente, em um coração de homem ou de mulher que exerce a docência. Então, substantivo próprio. Cada um é cada um exercendo o seu papel, com nome próprio, independente do gênero, da cor ou do tamanho. Eis o problema: qual a precisão da adjetivação? Quem pode adjetivar? Mais ainda, quem pode traduzir, dizer o que significa os adjetivos atribuídos? Os legisladores da educação, os dirigentes, os especialistas, os professores, os pais, os alunos. Todos podem, mas os últimos, no caso os estudantes, com quem na prática se realiza a docência, com ou sem decência, pouco são ouvidos. Por isso, são os escolhidos para nesse trabalho, segundo seu sentimento, entendimento, experiência, adjetivar, descrever o bom professor, o marcante, o admirável, inesquecível. O texto é o resultado de uma trajetória feita em busca da captação de saberes, luzes acadêmicas que clareiam a concepção de bom professor, entendendo-o como aquele que sabe fazer e consegue ser, que vai além do conhecer e do ensinar.

PALAVRAS CHAVE: Estudante, Formação, Qualidade, Perfil, Professor.

INTRODUÇÃO

Ser professor! Demorei a assumir, a reconhecer que sou professor. Já se foram quase que trinta anos e até hoje, ainda não me sinto à vontade para dizer que sou professor, menos ainda para dizer do que sou professor, me sinto um tanto acanhado. Pesa muito ser **bom** professor. **Mestre é mestre!** Tem que saber o que fazer e o que ser. Tem mais, saber como fazer e ser. Precisa dar conta do recado e ser bem aceito. Qual o recado? Ser aceito por quem? Nada no singular!

¹ Graduação em filosofia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – UNESP/Marília; Mestrado em Educação pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – UNESP/Marília. Atualmente é professor do Centro universitário Eurípides de Marília – UNIVEM.

² Graduação em Biologia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – UNESP/Bauru;

³ Graduada em Química pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – UNESP/Bauru

Quem já não teve um, dois, três, professores marcantes, bons ou maus! Bons e maus para quem? Faculdade, pais, alunos, toda sala, sociedade, empresas? Uma vez bom sempre bom ou uma vez mau, sempre mau? Sou um bom professor? Não sei, não tenho lembranças de quantas vezes me fiz essa pergunta. Não quero dizer com isso, que já a tenha feito muitas vezes. Também não sei dizer por que não a fiz. Se por medo, por insegurança, por desinteresse, por não saber respondê-la, não saber ao certo o que é ser bom professor.

Isso porque para falar de professor, mais ainda, do bom professor, deve-se ter mente outros conhecimentos relacionados à docência. Por exemplo, com pensar bom professor sem pensar no homem, na sociedade, nas empresas, nas famílias. Com pensar bom professor sem pensar boa educação, sem pensar didática, avaliação, conteúdos, planejamento. Mas se eu não sei responder, quem sabe ou devem saber? Os professores, os coordenadores, os especialistas, mestres e doutores, os estudantes? Com quais critérios?

Na verdade não é fácil, nem cômodo ser professor, nem acostumassemos com esse nome, fazer parte desse time, carregar a bandeira e ouvir seu nome vindo das arquibancadas. Lembro-me do início, quando alguém me perguntava pela profissão, eu insistia em responder que era padeiro. Sentia-me melhor assim, mais seguro, mais qualificado. Sentia-me um bom padeiro, não tinha dúvida nem receio de responder. Ser naquilo que faz. Ser reconhecido naquilo faz bem.

O mesmo não acontecia e não acontece quando tenho que responder que sou professor. E o pior, se sou bom ou não, não sei ao certo, nem quando nem por que. São eles, os alunos, quem sabem e podem falar. O que justifica as avaliações institucionais e essa pesquisa relativa à idealização do perfil de bom professor. Não para saber se sou bom professor, **eu com nome próprio**, mas para captar e analisar as representações discentes, razão de ser da docência e condição à sua realização.

Muitos podem e dizem o que é ou como deveria ser o bom professor, mas poucos são ouvidos, os estudantes por exemplo. Por isso são os escolhidos para lançar luz ao tema, clarear o desenvolvimento desse trabalho. Não só por essa razão, também por entender que seja relevante ouvir o que eles têm a dizer.

Ouvir palavras de quem estava lá, palavras de diferentes estudantes, quer dizer de diferentes cursos. Palavras de quem ouviu, viu e sentiu com os próprios olhos e coração. Isso mesmo, ouvir para saber o que eles entendem por bom, admirável, e daí, se necessário, planejar ações de acompanhamento e aperfeiçoamento da docência.

Quanto aos procedimentos metodológicos, foi realizada uma pesquisa bibliográfica, que se resume na identificação e seleção de textos, **chamados de encontros com acadêmicos**, que relatam resultados de pesquisas realizadas com estudantes a respeito do tema proposto. O caminho foi trilhado à luz dos saberes e desejos de estudantes do ensino superior, maioria, captados por pesquisadores(a) preocupados(a) com a formação e práticas docentes.

Sabe-se, de antemão, que há um consenso universal de “bom” para um profissional, que na prática, envolve o mais diversificado tipo de gente, de interesses, de atividades, de resultados, de atitudes e porque não dizer, de satisfação. O que não quer dizer que não seja possível **alargar** o quadro de conhecimentos sobre a concepção de “bom professor”.

1. ENCONTROS COM ESTUDANTES

Daqui em diante, o leitor vai encontrar oito encontros com representações sobre a ideia de bom professor de diferentes instituições e cursos. Cada um desses encontros, na verdade, representa uma ideia geral do que os estudantes registraram nas pesquisas realizadas pelos professores citados e referenciados.

1.1 - 1º Encontro

Estudantes, aqueles que “sentem na pele” os efeitos da ação e relação docente. Aqueles que têm propriedade para falar de seus professores, os que melhor conhecem. Certos ou não, bem ou mal, são os que mais divulgam as imagens do professor. Quem de nós professores nunca teve certa dose de curiosidade e até de vontade de saber o que estudantes falam de nós nos ônibus, nos carros, nos bares, nas festas, nos corredores, em casa etc.

Também é verdade, que em algum momento, cada professor já se preocupou em saber quais os requisitos para ser um bom professor, o que mais interessa aos estudantes, o que mais os impressionam, o que os faz bem e felizes, o que lhes é agradável, o que querem aprender e ser. Em síntese, o que esperam dos professores em cada curso e disciplina.

Algumas dessas curiosidades e preocupações podem ser esclarecidas e satisfeitas ao longo do texto, nesses encontros acadêmicos, mesmo que parcialmente. Para o

primeiro encontro, contamos com os estudos realizados por Castanho (2001) apud Steiner e Sanches (2010), que captou relatos de professores sobre lembranças de seus professores marcantes, admiráveis, inesquecíveis, enquanto procuravam encontrar uma resposta razoável à pergunta: existe ‘receita’ para ser um bom professor de direito?

Os depoimentos desses professores destacaram aqueles docentes que tinham profunda inter-relação entre aspectos profissionais e pessoais, amavam o que faziam, valorizavam os alunos, explicavam bem a matéria, motivavam as aulas e ainda, eram seres humanos ímpares (CASTANHO apud STEINER; SANCHES, 2010). Veja bem, para dar conta do recado, ser bom, não basta saber a matéria e explicá-la bem.

As autoras vão mais longe. Embora não seja com base em representações de alunos que estão em sala de aula, Steiner e Sanches ajudam a delinear o perfil do bom professor. Estes, segundo as autoras, gostam de gente, conhecem bem sua área de atuação, planeja suas aulas, utiliza técnicas variadas em sala de aula e aprende todos os dias (2010, 5157-5158).

Pois bem, se não dar para generalizar esses aspectos apontados, dá ao menos para criar algumas hipóteses.

Não significa que somente os aspectos apresentados no tópico anterior devem compor a ‘a receita’, ela pode (e deve) ser mais incrementada. Contudo, pode-se afirmar com certeza de que a falta de um dos itens considerados básicos fará uma enorme diferença no aspecto do produto final. É, pois, o ponto de partida da ‘receita’. A receita básica, pois, está sugerida. Já o tempero, aquele toque especial que diferencia uma pessoa da outra, dependerá do gosto e da preferência daquele que tiver o feliz propósito de se tornar um inesquecível e bom professor de Direito (STEINER; SANCHES, 2010, 5159).

Com bem disse as autoras, se a receita não está completa, aos menos reúne alguns ingredientes básicos que podem ser utilizados. Nada impede que você acrescentem outros ingredientes que possuem em sua casa, “na sua geladeira”, mas não estão nessa lista, ou então, outros indicados pelos alunos, que não sabemos, não temos, mas que eles gostariam de saboreá-los enquanto estudantes universitários.

O que se costuma fazer quando faltam ingredientes? Corre-se atrás. É a hora da aprendizagem continuada, para além dos conteúdos e das técnicas, mas é preciso uma boa dose de vontade e disposição. Mãos à massa!

1.2 - 2º Encontro

Como foi dito acima, a receita pode ser incrementada, reinventada. Cada um, cada pesquisa, pode acrescentar novos ingredientes. Cada professor, com certeza, tem um ingrediente próprio, um modo próprio de prepará-los e servir-los, que torna seu ofício mais agradável, prazeroso e eficiente.

Sabendo disso, para o segundo encontro, foram convidados Ribeiro e Rausch (2012) para expor a fala de alunos do Curso de **Direito**, relatada em pesquisa realizada sobre os saberes mobilizados pelo o bom professor na visão de alunos concluintes do curso de direito, título do trabalho analisado.

A pesquisa realizada por Ribeiro e Rausch (2012) apresentam a fala, o olhar e a percepção de 73 alunos concluintes do Curso de Direito da Universidade Regional de Blumenau – FURB. Os dados foram coletados via questionário com 5 questões, sendo que na penúltima os alunos denominaram quem era o melhor professor do Curso de Direito da FURB e na última, justificaram a escolha deste professor indicado.

Os autores inferiram, com base nos resultados, que os saberes docentes são diversos e que provêm de diferentes fontes e momentos da trajetória profissional do professor. Em resumo, os estudantes relataram que o bom professor deve saber o *quê* ensinar, saber *como* ensinar e possuir um forte componente *afetivo-emocional*.

Na conclusão da pesquisa, de forma resumida, as autoras afirmam que:

Para os alunos do Curso de Direito o bom professor mobiliza um conjunto de saberes no contexto educacional em que atua, em especial, os saberes pedagógicos, disciplinares, curriculares e experienciais. Bem como, evidenciou-se que a relação *afetiva-emocional* é de grande importância na prática do bom professor, pois, esta dimensão é tão vital quanto os saberes científicos, as estratégias de aprendizagem, o compromisso social e moral dos docentes (RIBEIRO; RAUSCH, 2012, P.1).

Pois bem, tem-se aí mais um ingrediente reconhecido como qualificador do professor, a relação afetiva-emocional. Este saber ou modo ser, tem a ver com o que disseram Steiner e Sanches (2010), o bom professor gosta de gente, gosta e sabe conviver com gente. Como se ver a dimensão afetiva é tão importante quanto os saberes técnicos e sociais.

1.3 - 3º Encontro

O terceiro encontro contou com a pesquisa de Schwartz e Bittencourt, que tem por título a pergunta: quem é o “bom professor” universitário? Estudantes e professores de cursos de **Licenciatura em Pedagogia** dizem quais são as (ideais) qualidades deste profissional (2012).

O texto é relevante pelo problema proposto, pela metodologia adotada, pelos resultados alcançados e análise das autoras, e, em razão de tudo isso, por “contribuir para que se repensem ações que estão sendo desenvolvidas, algumas vezes, sem o acompanhamento da necessária reflexão e análise de sua coerência e adequação” (SCHWARTZ; BITTENCOURT, 2012, p.1).

Além da relevância, ressaltam-se os aspectos metodológicos e os resultados alcançados na pesquisa realizada por Schwartz e Bittencourt,

... que buscou investigar o perfil pessoal e profissional do “bom professor” universitário idealizado por docentes e estudantes do Ensino Superior. Os dados foram obtidos a partir da análise de dois instrumentos entregues a discentes e docentes, nos quais os participantes deveriam assinalar (e sugerir) qualidades pessoais e profissionais do “bom professor” por níveis de prioridade. Os resultados apontam para convergências e divergências entre as ideias de alunos e professores sobre o que é necessário para ser um “bom professor”. (SCHWARTZ; BITTENCOURT, 2012, P.1).

Dando continuidade a esses aspectos da pesquisa realizada com 70 alunos e 25 professores de cursos de Licenciatura em Pedagogia de duas universidades federais do Rio Grande do Sul, passa-se às representações dos alunos.

As percepções dos alunos relativas às qualidades pessoais do “bom professor” idealizam: a simpatia, o bom humor, a compreensão, a coerência, a capacidade de escutar o outro, a humildade, o bom senso, a empatia, a observação, a democracia, a curiosidade e a flexibilidade (2012).

Já em relação às qualidades profissionais, idealizaram: a competência sobre sua disciplina, a responsabilidade, a inteligência, a comunicação, a pontualidade, o planejamento, a experiência profissional, a organização, o comprometimento, a capacidade de trabalhar em grupo, a competência no uso das tecnologias, a atualização, a coerência nos processos avaliativos (SCHWARTZ; BITTENCOURT, 2012, p, 9).

Terminando esse encontro, é importante esclarecer que os resultados alcançados na pesquisa “não poderão ser tomados como um padrão generalizado deste curso, deste tipo de instituição, deste estado, deste país, uma vez que as ações dos sujeitos envolvidos em qualquer relação pedagógica determinam e são determinadas pelo contexto onde estão inseridos” (SCHWARTZ; BITTENCOURT, 2012, P.11).

A cada encontro, fica mais clara e mais fundamentada, a ideia de não generalização dos resultados alcançados, o reconhecimento de que a qualidades ideais de um bom professor não são necessariamente as mesmas em todo tempo e lugar, embora se fale da existência e da necessidade de uma receita básica, receita que pode ser adaptada, é claro.

1.4 - 4º Encontro

O quarto encontro contou com a colaboração de Azevedo, Freire e Machado (2013), que pesquisaram o tema o ‘bom’ professor universitário para estudantes de Pedagogia: um estudo de representações sociais (1). Estudo realizado estudantes da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

Uma das questões investigadas, a principal talvez, buscou saber “quais seriam, nas representações do estudante de Pedagogia, as características de um “bom” docente universitário”. E para responder esta e outras questões os participantes “registraram por escrito as cinco primeiras palavras que lhes vieram à mente mediante o estímulo indutor: ‘o ‘bom’ professor universitário é’ (AZEVEDO; FREIRE; MACHADO, 2013, P.2).

Os resultados foram agrupados em três categorias afins: assíduo, dedicado, organizado e responsável; competente, conhecimento, didática, experiente e sabedoria. Por último, em outra categoria, os elementos: compreensivo, respeito e ético.

Quantificando, de certo modo, as respostas dos participantes, primeiro grupo, é interessante notar que a característica mais evocada foi a palavra **dedicado** 63 vezes, **responsável** 46 vezes e organizado com 25 vezes. Do segundo grupo a palavra com mais evocação foi a competência com 35 vezes, conhecimento 27 vezes e didática com 18. E do terceiro grupo, teve maior evocação o aspecto **compreensivo** 41 vezes, respeito 25 vezes e ético 14 vezes (AZEVEDO; FREIRE; MACHADO, 2013).

Aprende-se, nesse encontro, o quanto os aspectos dedicação, a responsabilidade e a compreensão, são necessárias a idealização de um bom professor. Aprende-se ainda,

que os aspectos relacionados à competência, domínio de conhecimento e a didática não podem ficar de fora do entendimento do que seja o bom professor.

1.5 - 5º Encontro

O quinto encontro traz a contribuição de Chiquim e Vieira, que pesquisaram a percepção de alunos e ex-alunos de Engenharia Elétrica sobre o que seria o ‘bom professor’, aquele que melhor satisfaz a expectativas dos alunos quanto ao aprendizado. A pesquisa de campo foi realizada com alunos e ex-alunos de uma das escolas de nível superior de Curitiba, que levou os pesquisadores a seguinte conclusão:

O bom professor deve dominar o conteúdo que ministra, deve se utilizar de exemplos, relacionando a teoria com a prática. Outro item que foi (...) confirmado pelos alunos e ex-alunos pesquisados, foi a questão do bom relacionamento professor-aluno, pois o estudante precisa sentir-se seguro e motivado a aprender (CHIQUIM E VIEIRA, 2009, 2284).

O quinto encontro, com estudantes de Engenharia Elétrica, relacionou a imagem de bom professor com aquele que exemplifica o conteúdo ensinado, que combina teoria e prática, ou seja, não basta a transmissão de conhecimento. Tudo isso sem desprezar o bom relacionamento.

1.6 - 6º Encontro

Nesse sexto encontro com acadêmicos, cita-se o trabalho de Cândido, Assis e Ferreira (2014), com o texto sobre a representação social do ‘bom professor’ no Ensino Superior, estudo realizado com estudantes de uma Universidade Federal do Rio de Janeiro. “As categorias que emergiram do discurso dos participantes puderam ser classificadas em dois grupos: um relacionado aos aspectos técnicos da profissão docente; outro relacionado ao professor em seu processo de interação com o aluno” (CÂNDIDO; ASSIS; FERREIRA, 2014, P.356).

Quanto aos aspectos técnicos, considerando a frequência das respostas, destacam-se: ser didático, ser motivado, possuir conhecimento técnico, compromisso, profissionalismo e ser atualizado. Já o relacionado ao professor, à pessoa do professor, destaca-se o **bom relacionamento** com os alunos, a preocupação com o futuro do aluno e atributos pessoais positivos (CÂNDIDO; ASSIS; FERREIRA, 2014).

Mais uma vez, ficou claro, o reconhecimento de que os alunos de outras instituições atribuem outras características aos seus professores, que idealizem outros adjetivos para seus professores, que em outras instituições, outras expectativas sejam criadas.

1.7 - 7º Encontro

Percebe-se, pelo visto até aqui, que metodologicamente, optou-se pelo o olhar de diferentes sujeitos, mas pelo o menos com dois aspectos comuns, ser aluno e ter professor. Então, dando continuidade aos encontros com estudantes, referencia, nesse momento, Malafaia, Bárbara e Rodrigues (2010), que analisaram as concepções e opiniões de discentes sobre o ensino da Biologia.

O trabalho aqui analisado foi desenvolvido com 99 alunos das três séries do Ensino Médio. A intenção era conhecer suas expectativas e perspectivas a respeito dos conteúdos de Biologia e da maneira como a disciplina é abordada nas escolas e possibilita a elaboração de um perfil com as características que eles consideram que um professor de Biologia deve ter para que seja considerado bom. Malafaia, Bárbara e Rodrigues (2010).

Os alunos receberam e responderam diversas perguntas. Mas, nesse momento, achou-se por bem focar a terceira, que questiona diretamente sobre a característica do(a) professor(a) de Biologia que o aluno considera mais importante para que a sua aula seja considerada boa.

As respostas dadas a essa pergunta, as que mais apareceram foram: “ter boa didática”, “ser bem-humorado e divertido”, “ter domínio sobre o assunto a ser abordado em sala de aula” e “ser capaz de associar o assunto abordado em sala com o cotidiano dos alunos”. Quanto às atividades pedagógicas consideradas importantes para o ensino de Biologia, mais da metade dos alunos citaram em suas respostas o desenvolvimento de atividades práticas e/ou laboratoriais (CÂNDIDO; ASSIS; FERREIRA, 2014).

1.8 - 8º Encontro

Chegando ao término desses encontros, ou somente dando uma pausa, cita-se o trabalho de Paiva, Gomes e Oliveira (2005) que abordam a da visão de professores e licenciandos de Química sobre ‘ser bom professor’.

O ensino de química é um assunto que vem sendo discutido cada vez mais, principalmente depois de alguns acontecimentos marcantes, como por exemplo, o lançamento da revista Química Nova na Escola e a criação da Divisão de Ensino na Sociedade Brasileira de Química. Estas são marcos, iniciativas que contribuíram para uma maior reflexão dos cursos de licenciatura e formação de professores de química.

De uma maneira geral, de acordo com Paiva, Gomes e Oliveira (2005), o perfil de um bom professor deve apresentar características como o “saber”, o “saber fazer” e o “saber ser”. O saber está relacionado com os conhecimentos que os professores têm que ter sobre os temas a serem abordados em sala de aula e com a melhor didática a ser utilizada; o saber fazer está ligado com as competências e habilidades que os professores possuem, é o que influencia a forma como a aula será conduzida; e o saber ser refere-se à postura do professor e seus ideais sobre questões de ensino e educação.

Em relação às características do “ser bom professor”, várias foram citadas, sendo as principais: boa relação com os alunos (citado por 7 alunos), relacionar conteúdo com cotidiano (citado por 6), fazer experiências (citado por 5), domínio sobre o conteúdo (citado por 4) (PAIVA; GOMES; OLIVEIRA).

Mais uma vez a relação com o aluno é tributo considerado com certo destaque, bem como a relação com a vida cotidiana e a necessidade de realização de experiências ou de atividades práticas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Do que foi visto e apresentado até aqui, pode-se deduzir que a voz dos estudantes não pode ser ignorada quando existe a pretensão de pensar e formar o bom professor. Embora não haja um consenso, passível de generalização, ao menos pode afirmar que cada um tem uma contribuição, um ingrediente a oferecer a essa discussão.

Outra dedução possível, reconhecida em quase todas as pesquisas citadas, é fato de que conforme o perfil das instituições, dos cursos, do local onde se insere e dos alunos, os tributos ao bom professor podem ser diferentes. Então, a cada momento e lugar, novos ingredientes podem ser adicionados à receita básica.

Ficou evidente também, que o bom professor, principalmente para os estudantes de Engenharia Elétrica, de Biologia e de Química, precisa desenvolver atividades práticas, relacionar conteúdo e vida cotidiana. Mas esses aspectos não expectativas exclusivas desses cursos.

Por último, o que mais chama atenção nas falas dos estudantes, além do saber a matéria e do saber ensinar é a relação entre professor e aluno. Saber relacionar-se com os alunos é condição necessária à docência. Faz parte da receita básica. Isso ficou claro no texto analisado, por exemplo, na expressão o bom professor “gosta de gente”, condição para uma relação “afetiva-emocional”.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Márcia Ferreira de; FREIRE, Suelen Batista; MACHADO, Laêda Bezerra. **O bom professor universitário nas representações sociais de estudantes de Pedagogia**. Roteiro, Joaçaba, v.38, nº 2, p. 311-336, jul/dez. 2013. Disponível In:https://www.ufpe.br/ce/images/Graduacao_pedagogia/pdf/2013/marcia%20e%20suel l. Acesso: abril de 2017.

CÂNDIDO, Cássia Marques et. al. **A representação social do “bom professor” no ensino superior**, Psicologia e Sociedade, 26 (2) p.356-365, 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/psoc/v26n2/a12v26n2>. Acesso em: abril 2017.

CHIQUIM, Ana Paula Ferreira; VIEIRA, Alboni Marisa. **O ‘bom professor’ de Engenharia – a percepção de alunos e ex-alunos**. In IX CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO – EDUCERE – III ENCONTRO SUL BRASILEIRO DE PSICO-PEDAGOGIA, 2009, p. 2272-2285. Disponível em: http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2009/anais/pdf/2021_1279. Acesso em: abril 2017.

MALAFAIA, G.; BÁRBARA, V. F.; RODRIGUES, A. S. L. Análise das concepções e opiniões de discentes sobre o ensino da Biologia. **Revista Eletrônica de Educação**, v. 4, n. 2, 2010. Disponível em: <<http://www.reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc/article/view/94/88>>. Acesso em: maio de 2017.

RIBEIRO, Adilson José; RAUSCH, Rita Buzzi. Os saberes mobilizados pelo bom professor na visão de alunos concluintes do curso de Direito. In: IX ANPED SUL – SEMINÁRIO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DA REGIÃO SUL, 2012. Disponível em: http://www.portalanpedsul.com.br/admin/uploads/2012/Formacao_de_Professores/Trabalho/05_21_47. Acesso em março de 2017. P.1 -15.

PAIVA, A.G.; GOMES, A.C.R.; OLIVEIRA, L.F.C. **Visão de professores e licenciandos em química sobre ‘ser bom professor’**. In: Reunião Anual da SBPC, 57, 2005, Fortaleza. *Anais...*Fortaleza: Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, 2005. Disponível em: www.nutes.ufrj.br/abrapec/venpec/conteudo/artigos/1/doc/p733.doc. Acesso em: maio de 2017.

SCHWARTZ, Suzana; BITTENCOURT, Zoraia Aguiar. **Quem é o bom professor universitário? Estudantes e professores de curso de licenciatura em Pedagogia dizem quais são as (ideais) qualidades deste profissional.** In: IX ANPED SUL – SEMINÁRIO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DA REGIÃO SUL, 2012. Disponível em:

<http://www.ucs.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/viewFile/1423/976>. Acesso em março de 2017.

STEINER, Ana Amélia; SANCHES, Raquel Cristina Ferraroni. **Existe Receita para ser um bom professor de Direito?** In: XIX ENCONTRO NACIONAL DO CONPEDID, Fortaleza, 2010. Disponível em: [://aberto.univem.edu.br/handle/11077/1068](http://aberto.univem.edu.br/handle/11077/1068), p.5153 – 5160. Acesso em: abril de 2017.